



O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NA BUSCA DO RECONHECIMENTO DA CIDADANIA LGBTTTI (LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS, INTERSEXUAIS)

Autor (1) Lauri Miranda Silva; Co-autor (1) Adriana Conceição dos Santos da Silva.

Universidade Federal de Rondônia – UNIR proflauri@hotmail.com

Universidade Federal de Rondônia – UNIR adryriomar@hotmail.com

RESUMO: No presente trabalho temos por intuito mostrar através de nossas análises a importância do movimento homossexual na busca do reconhecimento da cidadania LGBTTTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexuais). Os objetivos da pesquisa foram: buscar as origens do movimento LGBTTTI; explicar o início dos estudos sobre a homossexualidade no âmbito acadêmico e investigar a formação do movimento homossexual na cidade de Porto Velho – RO. Foram realizados estudos bibliográficos e pesquisa de campo de caráter qualitativo, realizamos levantamento documental na sede da Ong Tucuxi, localizada em Porto Velho – RO.

Palavras-chave: Cidadania, LGBTTTI, Homossexualidade.



INTRODUÇÃO

Percebemos que a comunidade LGBTTTI, dificilmente participa das ações do movimento homossexual, quer na busca de seus direitos, quer na participação de atividades de caráter sócio-político-cultural voltados para elas, nesse contexto, entram as ONGs, que trabalham com a questão da discriminação, preconceito e a luta pela cidadania desse grupo que vive à margem do poder.

No presente trabalho temos por intuito mostrar através de nossas análises a importância do movimento homossexual na busca do reconhecimento da cidadania LGBTTTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexuais). Os objetivos da pesquisa foram: buscar as origens do movimento LGBTTTI; explicar o início dos estudos sobre a homossexualidade no âmbito acadêmico e investigar a formação do movimento homossexual na cidade de Porto Velho – RO.

METODOLOGIA

Por metodologia compreendemos que ela evidencia os caminhos e os meios para se chegar ao resultado final da pesquisa.

Foram realizados estudos bibliográficos e pesquisa de campo de caráter qualitativo, realizamos levantamento documental na sede

da Ong Tucuxi, localizada em Porto Velho – RO.

Tanto no presente como no passado, o ofício do historiador e a escrita da História envolvem a noção de um método científico de trabalho, isto é, de um conjunto de operações técnicas, com instrumentos e procedimentos que demandam uma necessária aprendizagem de critérios de cientificidade. Para Samara e Tupy (2007) isso seria:

[...] uma tarefa que encontra sustentação na análise crítica do documento histórico, envolvendo alguns procedimentos específicos que permitem respostas às questões previamente elaboradas pelo pesquisador.(SAMARA; TUPY, 2007, p. 11).

Escolhemos a abordagem qualitativa, pois, nos propicia obter uma visão ampla de nosso tema, segundo Chizzotti (1995):

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem, objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZOTTI, 1995, p. 221).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Davi Santos em seu artigo intitulado *Movimento Homossexual – Cem anos de Luta homossexual*, comenta que:

A luta contra o artigo 175 fez florescer na Alemanha os primeiros movimentos em defesa da liberação homossexual. Em 1869 o médico



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

húngaro, Karóly Benkert, redige uma carta ao Ministério da Justiça alemão desaprovando esse tal artigo que declarava os atos sexuais entre homens do mesmo sexo, como crimes. Foi nesta carta, também, que Benkert utilizou pela primeira vez o termo homossexual para denominar estes atos. Em 1897 surgia o Comitê Científico e Humanitário (CCH), que promoveu diversas atividades até 1933, quando foi duramente vitimado pela violenta perseguição do nazismo que recém chegava ao poder. Durante sua existência esse comitê lançou as bases daquilo que seria o movimento homossexual no decorrer do século. Abaixo-assinados, palestras e atividades públicas foram intensamente utilizados numa tentativa de por fim à discriminação contra os homossexuais¹.

Em 28 de junho de 1969 o jornal *New York Post*³⁷ publica uma pequena reportagem dando destaque à seguinte manchete: **“Ataque no Village agita multidão de manifestantes”**. Sim, o ataque era de gays, drags, trans e lésbicas que diziam um basta aos policiais corruptos pelos abusos diários, inclusive nas ruas, pelas batidas e agressões gratuitas em bares, pelas prisões constantes que eram comuns durante a década de 1960, sobretudo em Nova York e São Francisco, ambas metrópoles com intensa vida noturna. A revolta ocorrida no bar novaiorquino Stonewall Inn na noite de 27 de junho significou também a conquista do espaço público por parte daqueles que eram considerados “doentes, aberrações sociais, espécies patológicas” carimbadas pela ciência

¹ Cf. Davi Santos *Movimento Homossexual – Cem anos de Luta homossexual*, ver em: <http://www.farofadigital.com.br/queer_sapiens.htm>. Acessado em 20 de nov de 2015.

médica. Com os gritos de **“Nós queremos liberdade e Poder gay”** começou uma manifestação que durou três noites, prolongou-se durante a semana e marcou a história do movimento gay, não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. (CAMARGOS, 2007).

Segundo Facchini (2002), “o movimento homossexual tem seu surgimento no Brasil associado à fundação do Grupo Somos, em São Paulo, no ano de 1978”. De acordo com Trevisan (2000), o “Movimento de Liberação Homossexual” em nosso país teria como espinha dorsal grupos que aglutinavam militantes um pouco à maneira de clubes fechados de gays e lésbicas, “[...] cada grupo procurava acentuar diferenças para aí encontrar sua identidade – elementos que podem ser considerados como sistema de defesa frente ao ambiente hostil da época”. (TREVISAN, 2000, p. 339).

Em meados do século XX a questão da homossexualidade começa a ser estudada nas pesquisas sobre gênero. Estes estudos sobre os homossexuais se ampliaram, sendo mais comumente aceitos no ambiente acadêmico. Com o crescimento de discussões e pesquisas na sociedade e na academia sobre o tema, surgiram também entidades formadas por homossexuais que perceberam a importância de debater questões relacionadas à sua



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

realidade, principalmente ligadas à discriminação.

No Brasil, a conferência nacional GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais), convocada por meio do Decreto Presidencial de 28 de novembro de 2007, representou um marco histórico na luta pela Cidadania e Direitos Humanos dessa população, tendo a grande responsabilidade de discutir e propor, de forma coordenada e com garantia de participação popular, as políticas que norteariam as ações dos poderes públicos. Segundo o texto-base² da conferência a respeito do movimento homossexual no Brasil, em primeiro lugar entrou em cena um movimento denominado “SOMOS” Grupo de Afirmação Homossexual, que em 1978, marcou o surgimento do movimento LGBT no país. Este movimento social se definia genericamente como MHB (Movimento Homossexual Brasileiro).

Trevisan (2000) ainda comenta que, paralelamente, criou-se um importante jornal com integrantes do Grupo Somos – *O Lampião da Esquina* que fazia uma interação entre o movimento ecológico, negro, feminista e gay. Enquanto esse jornal era publicado no Rio de Janeiro, em São Paulo

² O texto da Conferência voltada para os GLBTT encontra-se disponível em: http://www.abgl.org.br/docs/textobase_port.zip. Acessado em 20 de abril de 2015.

iniciaram-se, também nos primeiros meses de 1978, as reuniões de um grupo de homossexuais interessados em organizar-se para discussão e atividade liberacionista.

Composto predominantemente de jovens atores, profissionais liberais e estudantes, o grupo era pequeno e assim permaneceu durante quase um ano, indo servir de matriz para todos os demais que viriam depois.

Na década de 1980, tanto o grupo Somos (que participou do protesto contra Richetti)³ quanto o jornal *Lampião* se extinguíram. Todavia, vários outros grupos surgem pelo país como o Triângulo Rosa, e o GGB na Bahia que, em 1985, realizou o II Encontro Brasileiro de Homossexuais. Apesar da AIDS chegar ao Brasil nesse momento, justamente o período em que vivíamos a abertura política, segundo o Camargos (2007) tínhamos a proposta da democracia, os grupos não se enfraqueceram, pelo contrário, a luta foi maior ainda, floresceram nos anos 90 por todo o país e promoveram encontros, conferências, congressos para discussões de temas diversos até os dias atuais.

³ Tratava-se do protesto contra o delegado Richetti, que promovia uma ampla operação de “limpeza social” no centro de São Paulo, concentrando-se nas ruas que compunham o “gueto” gay da cidade e prendendo arbitrariamente prostitutas, homossexuais e travestis. A manifestação convocada pelos movimentos homossexual, negro e feminista reuniu cerca de 1000 pessoas, que percorreram algumas das principais ruas do centro da cidade. Cf. Camargos (2007).



Nos anos subsequentes outras entidades apareceram: em 1993 surgiu o Movimento de Gays e Lésbicas (MGL), em 1995 o GLT, com referências a Gays, Lésbicas e Travestis. Segundo o texto-base, em 1999 o movimento passou a utilizar uma nova sigla denominada GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis). Enquanto ganhava forças por ser um movimento organizado no Brasil, o grupo GLBT era bastante diversificado, surgiram entre eles organizações mistas, como por exemplo, a Associação Brasileira de Gays (ABRAGAY), e também a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL). Esses grupos que se espalharam buscando a erradicação dos preconceitos devido à orientação sexual e o reconhecimento da cidadania desses indivíduos, até os dias atuais continuam na militância buscando seus direitos e o seu reconhecimento como cidadão.

Trevisan (2000) comenta que nos anos 1990 proporcionaram várias novidades fundamentais no liberacionismo homossexual brasileiro. De acordo com ele a primeira:

[...] foi um verdadeiro ovo de Colombo conceitual, que permitiu uma guinada política inteligente e nova: a implantação do conceito de GLS – abreviação para Gays, Lésbicas e Simpatizantes. A genialidade dessa saída foi introduzir num contexto brasileiro a ideia americana de *gay friendly*, de modo simples e adequado ao nosso *jeitinho*. Ou seja, houve uma apropriação da popularíssima sigla que

qualificava certos modelos de carro nas categorias GL (Gran Luxo) e GLS (Gran Luxo Super), bem ao gosto da população média e de teor profundamente contemporâneo – o que facilitou a disseminação e implantação do conceito. (TREVISAN, 2000, p. 376).

O autor ainda ressalta de que no conceito de GLS, o essencial foi a admissão da ideia de simpatizante, termo apropriado a convivência diversificada das sociedades “democrática” modernas. Um/a simpatizante pode tranquilamente frequentar um local GLS sem se sentir agredido/a, desde que também esteja disponível a aceitar as diferenças comportamentais presente, em clima de mútua tolerância. Esse conceito permitiu a entrada de qualquer indivíduo nos espaços de circulação homossexual, ou seja, “[...] o conceito GLS permitiu a democratização do território guei, atravessando barreiras e projetando homossexuais para espaços mais amplos, dentro da sociedade. (TREVISAN, 2000, p. 376-377).

Em meados da década 1990 com a explosão da contaminação com o vírus da AIDS, em Porto Velho – Rondônia, um grupo de amigos, sensibilizado com a situação de exclusão social e a perda de muitos amigos no início da epidemia, cria um grupo denominado “CAMALEÃO” de apoio e prevenção a AIDS. Este grupo, pioneiro no Estado de Rondônia, foi o primeiro grupo de gay do lugar e encerrou suas atividades por falta de apoio e de voluntariado na mesma



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

década. De qualquer modo, persistiu por sete anos na luta pelos direitos dos homossexuais.

Hugo (2003) em sua obra *Segurança Pública (a partir dos excluídos de entre os excluídos): a presença de minorias sexuais na sociedade brasileira*, retratou em um dos capítulos a *homossexualidade em Rondônia*, onde o mesmo comenta de que o grupo Camaleão reunia-se em um bar hoje inexistente na capital, para debater as suas ações para o desenvolvimento de suas atividades.

Em agosto de 2002, após a participação de um treinamento proporcionado pelo Projeto “SOMOS” na cidade de Belém-PA, por parte de um dos membros do extinto grupo “Camaleão” – deu-se andamento à idéia de fundar o “Grupo Tucuxi” – Núcleo de Promoção da Livre Orientação Sexual. O grupo Tucuxi adotou uma nova filosofia, não mais só o combate à epidemia da AIDS, como objetivava o grupo Camaleão, mas sim, também a defesa da cidadania e dos direitos dos homossexuais. Esse é o principal objetivo do grupo Tucuxi, que se utilizou do nome de um peixe do rio Madeira [cor cinza: *sotalia fluviatilis*; vermelho: *inia geoffrensis*], para dar a representação do novo grupo. (HUGO, 2003, p.130).

O grupo Tucuxi tinha uma cadeira na Coordenação Provisória do Fórum de

ONGS/DST/HIV/AIDS no Estado de Rondônia. Eis que no mesmo ano de 2002, a então coordenadora estadual de DST/HIV/AIDS, Augusta Ramalhães, desenvolveu um projeto chamado “Avessos” que tratava do tema HSH (Homens que fazem Sexo com Homens), com financiamento da UNESCO junto à Coordenação Nacional DST/AIDS. No entanto, segundo o autor citado acima:

[...] diante dos problemas que seriam enfrentados na implementação do projeto, devido à burocracia para a liberação de verbas para a Secretaria Estadual da Saúde, a mentora do projeto achou por bem repassar o projeto fazendo parceria com uma ONG; como o Tucuxi não estava constituído legalmente, a AMATEC – Associação de Mulheres Madre Teresa de Calcutá da Amazônia Ocidental, sob a presidência de sua fundadora Prof^a Maria Lourdes Oliveira, ficou como executora do projeto [...]. (HUGO, 2003, p.131).

A preparação do I Fórum de HSH do Estado de Rondônia, que era uma das partes mais importantes do projeto, ficou a cargo da Coordenação Estadual, da AMATEC e Tucuxi. O principal tema foi o do “fortalecimento do movimento homossexual no Estado de Rondônia”. Foi então nessa oportunidade que se visualiza a presença de diversos grupos que tinham ido a Porto Velho, chegando de diversos municípios do Estado, entre os quais, segundo o autor, Vilhena, Cacoal, Ji-Paraná e Guajará-Mirim. O Fórum foi considerado um grande sucesso por conseguir congregar cerca de uma centena



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de homossexuais de todo o Estado; sua realização deveu-se graças a uma equipe de dedicados voluntários. Contudo, no segundo semestre de 2003, exatamente em 21 de julho, facilitado pela presença participativa de um advogado e de um bacharel, além de outros profissionais liberais, foi efetuado o registro em Cartório do grupo “Tucuxi”: no mesmo período daquele ano, o Tucuxi oficializado realizou o I Fórum de GLT do Estado de Rondônia, com destacadas representações de palestrantes do Distrito Federal. (HUGO, 2003).

Nos anos de 2008 a 2009, a sede da Ong Tucuxi, encontrava-se no Campus de Porto Velho da Universidade Federal de Rondônia. Ao participar de algumas reuniões, conferências, e diálogos com os membros do grupo, percebi que Ong Tucuxi foi uma instituição da diversidade sexual, pois, dentro do grupo havia tanto homossexuais, o quanto heterossexuais, hoje a instituição encontra-se desativada.

Atualmente há três grupos desenvolvendo atividades para o público homossexual na cidade de Porto Velho: o Grupo Gay de Rondônia (GGR) responsável pela Parada LGBTT, Porto Diversidade, grupo que organiza a Marcha da Diversidade Sexual da Zona Leste e Comunidade Cidadã Livre (Comcil).

Percebemos que nos movimentos LGBTT do Brasil, as discussões e políticas públicas sobre as identidades de gênero são pautadas separadamente nos discursos dos militantes e ativistas, não havendo uma unidade em torno dos debates e ações para o combate contra a discriminação e preconceito contra a homossexualidade, gerando uma fragmentação entre eles. Salientando que os movimentos homossexuais no Brasil têm em comum a invocação em legitimar a representação dessas minorias que historicamente não só no Brasil, como em outros lugares, sofrem discriminação e preconceito por suas orientações sexuais.

CONCLUSÕES

No decorrer das análises, evidenciamos que o movimento LGBTTTI, tem por finalidade organizar o maior número de pessoas interessadas em defender a liberdade de orientação sexual, e defender o direito à liberdade de orientação homossexual. Atuam também na discussão do combate a DST/ HIV/AIDS nas escolas e na sociedade.

O campo de luta desses movimentos perpassa na luta contra a homofobia que se encontra enraizada na sociedade brasileira. A ocorrência de violência e discriminação contra a comunidade homossexual acontece no grupo familiar, no trabalho e em outros



lugares públicos, que acabam sem acolhimento.

Acreditamos, tendo como referência o nosso levantamento de dados da pesquisa, que o objetivo principal do movimento LGBTTTTI foi e continua sendo avançar na defesa da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, a partir de ações que visem o combate à violência e discriminação homofóbica. É de suma importância que instituições e grupos de apoio a esses grupos continuem desenvolvendo suas ações sociais, políticas e culturais, discutindo a construção da cidadania e lutando pela erradicação da discriminação e violência contra os LGBTTTTI.

Contudo, para que a comunidade LGBTTTTI concretize sua cidadania na sociedade brasileira, para que elas possam viver suas identidades sexuais, sem preconceitos, sem discriminação, sem violência, é preciso que as instituições como: Universidades, associações, a escola, Ongs, e demais representações da sociedade civil, continuem promovendo os mais diversos tipos de atividades, discutindo a inclusão social, o preconceito, o reconhecimento dessas minorias, não só os homossexuais, mas também os negros, indígenas, mulheres e outras minorias que estão a mercê do poder público. É necessário que essas instituições, persistam e promovam pesquisas, debates,

atividades educativas, culturais, orientando e informando sobre a problemática da cidadania LGBTTTTI, para que o reconhecimento da comunidade homossexual em sua totalidade seja viabilizado pela sociedade brasileira, mostrando que a diversidade sexual no Brasil é real. Vale salientar que, para garantir esse reconhecimento, é necessário, a garantia das políticas públicas e os objetivos criados pelos movimentos homossexuais. É preciso que essas instituições atuem em conjunto para que os direitos da cidadania LGBTTTTI não fiquem somente no discurso.

REFERÊNCIAS

CAMARGOS, Moacir Lopes de. **Sobressaltos:** caminhando, cantando e dançando na f(r) esta da Parada do Orgulho Gay de São Paulo: Campinas, 2007. 259 p. Tese (Doutorado em Lingüística) - Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Estadual de Campinas.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 2ºed. São Paulo: Cortez, 1995.

FACCHINI, Regina. **“Sopa de Letrinhas”?** – movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Campinas, SP: [s.n.], 2002.

HUGO, Vitor. **Segurança Pública** (a partir dos excluídos de entre os excluídos): a presença de minorias sexuais na sociedade brasileira. Rondônia: VH Editores da Amazônia, 2003.

SAMARA; TUPY. **História & Documento e metodologia de pesquisa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no
Paraíso**. 6ª. São Paulo: Record, 2000.



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br